
Desejo mimético, violência e educação: Contribuições de René Girard

Leandro de Proença Lopes
Doutorado em Educação – Uninove – Brasil
leandro_proenca@hotmail.com

José Rubens Lima Jardimino
PPGE/Uninove – Brasil
jrjardilino@gmail.com

O tema da violência tem feito parte de muitos estudos, pois se trata de um dos grandes obstáculos para a prática pedagógica. Ademais, a violência extrapola os limites da escola, e está presente em diversos setores da sociedade. A obra de René Girard contribui para a compreensão da violência enquanto fenômeno social. Sua contribuição é decisiva para as pesquisas em educação, embora pouco explorada nesse contexto. O conceito de desejo mimético de Girard permite uma compreensão dos mecanismos da violência, bem como permite o desenvolvimento de uma solução, a saber, a educação do desejo. Sua tese é reforçada com o interesse de Paulo Freire por uma Pedagogia do Desejo, e a discussão sobre a violência é ampliada na consideração dos processos de exclusão social.

Palavras-chave: Desejo. Desejo mimético. Violência. Educação.

The violence subject has been part of several studies as it has been a great issue concerning to pedagogical practice. Furthermore, violence is wider than school limits and its part of most social sections. René Girard's work contributes to the comprehension of violence as a social phenomenon. Its contribution is decisive for the research in Education although it is poorly explored within this context. Girard's concept of mimetic desire allows the understanding of violence mechanism as well as the development of a solution, the desire education. His thesis is reinforced by Paulo Freire's interest for a Pedagogy of Desire, and the discussion on violence is broaden evolving the processes of social exclusion.

Key words: Desire. Mimetic desire. Violence. Education.

1 Apresentação

A vítima expiatória, mãe do rito, aparece como a educadora por excelência da humanidade, no sentido etimológico de educação. O rito faz sair pouco a pouco os homens do sagrado; permite que eles escapem de sua violência, afasta-os dela, confere-lhes todas as instituições e todos os pensamentos que definem sua humanidade (GIRARD, 1990, p. 373).

Girard pontua o início de sua trajetória intelectual e de sua teoria a partir do estudo literário. De fato, sua teoria do desejo mimético praticamente não encontra fundamento no campo científico. Todavia, sua teoria não se caracteriza como uma “descoberta” do desejo mimético. Girard apenas elaborou uma teoria científica de uma idéia que aprende de clássicos da literatura, em primeiro lugar, e depois de textos das mais variadas tradições religiosas. Em sua primeira obra, *Mensonge romantique et verité romanesque*, dedica-se ao estudo dos romances de Cervantes, Stendhal, Flaubert, Dostoiévski e Proust. Nesta obra Girard formulará um dos conceitos-chave de sua teoria: o de “desejo mimético”, contraposta à “mentira romântica” que supõe a autonomia do sujeito. Conseqüência da modernidade, o romantismo postula a idéia de um sujeito radicalmente autônomo e independente, com idéias e desejos únicos. A teoria do desejo mimético põe em cheque esta idéia, concluindo que o desejo sempre foi mimético, imitativo. A autonomia do sujeito foi somente uma ilusão, o desejo humano continua mimético¹. Grandes clássicos da literatura o confirmam.

Não seria exagero dizer que a atividade acadêmica de Girard é movida por essa ética

da compreensão humana. De fato, ele pretende uma compreensão do humano, em tudo o que lhe é característico, buscando uma origem comum para a cultura, a sociedade e as instituições humanas. Para isso, ele parte da consideração deste traço antropológico fundamental: o desejo mimético. Desta forma, ele precisa considerar também quais são as implicações deste desejo. O desejo mimético consiste na imitação do desejo. O ser humano é livre para desejar, e é impulsionado para desejar. Porém não sabe o que desejar. Mas a indicação de que um objeto é desejado por alguém indica que tal objeto é digno de ser desejado. Assim, o ser humano imita os desejos de outro. Obviamente, um objeto desejado por duas ou mais pessoas não pode pertencer a todos que o desejem. É inevitável a disputa daqueles que desejam o mesmo objeto. O conflito é a conseqüência direta do desejo mimético.

Assim, o desejo e a violência são traços fundamentais de sua antropologia. Todavia, não há como evitar o paradoxo: Os elementos que constituem o humano se tornam os elementos que podem causar a sua própria destruição. Para manter sua intuição antropológica, Girard precisou compreender como foi possível a sobrevivência humana na sua origem, ou seja, como a espécie humana conseguiu conviver com sua tendência à violência e evitar a sua destruição. E ele consegue essa compreensão na análise dos ritos e dos mitos. Para ele, a origem dos ritos e dos mitos é a solução encontrada pela comunidade humana para evitar os efeitos desastrosos de sua violência. A origem da religião se explica pela análise da violência e do sagrado. Nessa perspectiva a religião, na origem da cultura, é a educadora do desejo. Ou seja, educa a humanidade para conviver com seu desejo mimético.

2 Desejo mimético e violência

Já que estamos tratando de *mimesis*, vamos imitar a trajetória de René Girard e começar com uma referência à literatura, pois não poderíamos deixar de citar uma cena antológica da literatura brasileira: trata-se de uma cena do romance de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na qual relata um encontro entre Brás Cubas e Prudêncio. Este era escravo de Brás Cubas, mas havia adquirido sua liberdade. O protagonista do romance presencia uma cena que chama sua atenção:

era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova. [...] Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!² (ASSIS, 1999, p. 131-2).

É uma cena reveladora, que põe em evidência a dimensão da violência no desejo mimético. Trata-se de um escravo, Prudêncio, que desejava sua liberdade. Após obtê-la, é revelado

o verdadeiro impulso que o motiva a desejar a liberdade: parecer-se o mais possível com seu dono! Livre, Prudêncio se encarrega de possuir seu próprio escravo e de tratá-lo de pior maneira da que era tratado quando escravo. O desejo de imitação pretende saciar-se com a violência. Como já indicamos, o percurso de Girard começa pela compreensão do desejo mimético. Com essa compreensão, vem a conclusão de que desejo e violência são inseparáveis. Esta será a posição de Girard em sua primeira obra, já citada, e também em *A violência e o sagrado*, obra em que apresenta a primeira formulação de sua teoria antropológica. Mas Girard abre novas perspectivas em *Eu via Satanás cair do céu como um raio* e também em *Um longo argumento do princípio ao fim*. Neste último livro, ele mesmo faz essa consideração:

No início, enfatizei principalmente a *mimesis* competitiva e conflituosa. Fiz isso porque foi por meio da análise de romances – nos quais a representação de relações conflituosas é essencial – que comecei a compreender o mecanismo mimético. Em meu trabalho, predomina a *mimesis* “má”, por assim dizer; porém, a *mimesis* “boa” é bem mais importante, estou de acordo. Sem esta última, não haveria mente humana, não haveria educação, nem transmissão de cultura (GIRARD, 2000, p. 100).

A análise da *mimesis* “boa” virá com o estudo da tradição judaico-cristã. Porém, trataremos disso mais adiante. Como a consideração da *mimesis* “boa” vem numa progressão, podemos considerar que ela será melhor compreendida nessa mesma progressão. Não é errado

considerar que sem a *mimesis* “má” não teremos uma boa compreensão da *mimesis* “boa”. Por isso é necessário começar pela relação entre desejo e violência. Seguindo a argumentação de Girard: “Não obstante, é preciso enfatizar a *mimesis* “má”, pois sua realidade continua despercebida e é sempre negligenciada, tomada erroneamente por comportamento não mimético, até mesmo negada pela maioria dos pesquisadores e estudiosos” (GIRARD, 2000, p. 100).

A primeira consideração a se fazer sobre o desejo é enfatizar a diferença entre desejo e instinto. Instinto é o conceito que Girard vai usar para classificar as necessidades humanas. Às vezes essa idéia aparecerá com outras classificações, como “desejos primários”, “necessidades naturais” ou “apetites”, enfim, enfatizando o fundamento biológico dos instintos. A característica principal dos instintos é que eles são predeterminados, com o objetivo de suprir a sobrevivência pessoal e garantir a sobrevivência da espécie. No domínio dos instintos não há nenhuma característica essencialmente humana. Nisto não há diferença entre os seres humanos e os outros seres vivos.

É preciso não confundir desejo e instinto, mesmo que às vezes algumas semelhanças possam gerar algumas confusões. Por exemplo, a comida e a bebida, que são necessidades vitais, são exploradas nas sociedades de consumo, em que, através das propagandas, há vários modelos mostrando o que está na moda comer e beber. Mas certamente alguém só poderá se permitir o luxo de imitar os modelos da propaganda quando não estiver em situação de carência, quando sua sobrevivência não estiver ameaçada. Em situações de carência, as pessoas não recorrem ao desejo mimético, mas visam somente atender suas necessidades vitais. O premiado documentário *A ilha das flores* mostra que em situações

de carência as pessoas se sujeitam a comer a comida que sobra dos porcos. A caracterização do desejo de consumir como necessidade é uma invenção da sociedade de consumo, com vistas a reforçar a lógica que a sustenta.

A principal diferença entre instinto e desejo é que os instintos são predeterminados, como já dissemos. Não resultam de uma escolha livre, são estranhos ao tema da liberdade, mas pertencem ao domínio das necessidades vitais. Mas uma vez saciadas as necessidades básicas, os seres humanos estão livres para desejar, porém sem saber o que desejar. Como não são guiados por nenhum instinto na escolha concreta dos objetos de desejo, precisam de algum critério externo que diga o que é digno de ser desejado. Este é o dado bom do desejo. Ele é a primeira característica essencialmente humana.

Se os nossos desejos não fossem miméticos, fixar-se-iam para sempre em objetos predeterminados, seriam uma forma particular de instinto. Os homens não seriam capazes de mudar de desejo mais do que as vacas num prado. Sem desejo mimético não haveria liberdade nem humanidade. O desejo mimético é intrinsecamente bom. O homem é uma criatura que perdeu parte do seu instinto animal para aceder àquilo que se chama desejo. Uma vez satisfeitas as suas necessidades naturais, os homens desejam intrinsecamente, mas não sabem exatamente o quê, pois nenhum instinto os guia. Não têm desejo próprio. Para desejarmos verdadeiramente, temos de recorrer aos homens que estão à nossa volta, temos de lhes imitar os desejos (GIRARD, 1999, p. 32).

Essa citação de *Eu via Satanás cair do céu como um raio* é uma das primeiras vezes que Girard se referiu ao desejo mimético como intrinsecamente bom. De fato, ele não pretende fazer um julgamento de valor sobre a natureza do desejo mimético, mas quando diz que em seu trabalho predomina a *mimesis* “má”, está se referindo às praticamente inevitáveis relações entre desejo e violência. Aqui o desejo mimético aparece como bom não pela possibilidade de romper essa relação, mas por ser o elemento que confere às pessoas a sua humanidade. O desejo mimético surge, assim, como um paradoxo: ao mesmo tempo em que é determinante para a humanização, também traz conseqüências que ameaçam a sobrevivência. Vejamos uma definição parecida com a última, mas retirada de *A violência e o sagrado*, em que Girard acentua com mais ênfase a natureza violenta do desejo:

Ao mostrar o homem como um ser que sabe perfeitamente o que deseja, ou, se aparentemente não o sabe, como um ser que sempre tem um “inconsciente” que sabe por ele, os teóricos modernos talvez tenham negligenciado um domínio onde a incerteza humana é mais flagrante. Uma vez que seus desejos primários estejam satisfeitos, e às vezes mesmo antes, o homem deseja intensamente, mas ele não sabe exatamente o quê, pois é o ser que ele deseja, um ser do qual se sente privado e do qual algum outro parece-lhe ser dotado. O sujeito espera que este *outro* diga-lhe o que é necessário desejar para adquirir este ser. Se o modelo, aparentemente já dotado de um ser superior, deseja algo, só pode se tratar

de um objeto capaz de conferir uma plenitude de ser ainda mais total. Não é através de palavras, mas de seu próprio desejo que o modelo designa ao sujeito o objeto sumamente desejável. Retomamos uma idéia antiga, cujas implicações, no entanto, talvez sejam mal conhecidas: o desejo é essencialmente *mimético*, ele imita exatamente um desejo modelo; ele elege o mesmo objeto que este modelo (GIRARD, 1990, p. 179-80).

Girard critica os teóricos modernos por ignorarem a natureza mimética do desejo. Ao não reconhecerem o desejo mimético, permanecerão ignorantes também das suas implicações, não sendo capazes de entender a violência. A importância que Girard atribui a essa compreensão é devido ao fato de ser ela a porta de entrada para a sua teoria. É preciso compreender a natureza mimética do desejo para uma boa compreensão da violência, sempre presente e incompreendida na existência humana.

O ser humano deseja intensamente porque se sente privado do *ser*. Esta é uma privação que nem toda a satisfação de seus instintos pode saciar. Trata-se de um vazio, em linguagem lacanianiana, um imenso e eterno vazio. O sujeito, ao se sentir privado de tal *ser*, tem a impressão de que o outro é dotado dele. Assim, o outro pode indicar a forma de adquirir este *ser*. O sujeito, sendo alguém que deseja intensamente, sem saber, porém, o que desejar, acredita estar aí a causa do sentimento de privação. É necessário saber desejar para adquirir o *ser* do qual se sente privado. O outro, que deseja, parece, assim, indicar o que deve ser desejado, como algo capaz de conferir plenitude. Assim surge o desejo mimético. O desejo é uma busca de plenitude,

mas precisa de um modelo que lhe indique o que deve ser desejado. Se soubesse exatamente o que desejar, esse desejo não seria mais que uma forma particular de instinto.

A primeira relação do desejo é imitativa, e a conseqüência inevitável desta é a relação competitiva do desejo. Por imitar o desejo do outro, há uma convergência de dois desejos sobre um mesmo objeto. Assim, a competição conflituosa é inevitável, pois “Dois desejos que convergem para um mesmo objeto constituem um obstáculo recíproco. Qualquer *mimesis* relacionada ao desejo conduz necessariamente ao conflito” (GIRARD, 1990, p. 180).

Essa relação conflituosa é complexa na dinâmica das relações sociais, porém não é difícil de ser compreendida e explicada. Girard enfatiza que a causa das rivalidades são ignoradas porque as semelhanças invocam uma idéia de harmonia (GIRARD, 1990, p. 181). Considera-se positiva a semelhança dos gostos, o fato de que duas pessoas apreciem as mesmas coisas; todavia a semelhança de desejos ignora o fato de que o desejo precisa saciar-se de alguma forma. A convergência de dois desejos para um mesmo objeto provoca o conflito, pois um mesmo objeto não pode pertencer às duas pessoas que o desejam ao mesmo tempo. Esses conflitos tendem ainda a se estender, pois a relação pode deixar de ser triangular para envolver mais pessoas, sucessivamente. A conseqüência é lógica, pois se duas pessoas estão disputando um mesmo objeto de desejo, os observadores deste conflito só podem concluir que se trata de um objeto muito digno de ser desejado, e passam a desejá-lo também. Assim, aumentam a relação conflituosa. Aqui já temos uma primeira indicação do contágio mimético e da voracidade da violência que se desencadeia e nunca se sacia.

É preciso enfatizar o fato de que a violência é uma conseqüência imediata do desejo mimético. Não devemos considerá-la como um fato acidental, assim como não podemos considerar acidental a convergência de dois desejos para um mesmo objeto. Neste caso, o objeto de desejo seria o deflagrador da violência, e seria também o responsável por despertar o desejo. Mas estamos insistindo que a natureza do desejo é o mimetismo. Devemos evitar a interpretação dos conflitos a partir dos objetos.

A rivalidade não é o fruto da convergência acidental de dois desejos para o mesmo objeto. *O sujeito deseja o objeto porque o próprio rival o deseja.* Desejando tal ou tal objeto, o rival designa-o sujeito como desejá-lo. O rival é o modelo do sujeito, não tanto no plano superficial das maneiras de ser, das idéias, etc., quanto no plano mais essencial do desejo (GIRARD, 1990, p. 180).

Os papéis que caracterizam o princípio da relação mimética são de modelo e discípulo. Com a rivalidade que surge, esses papéis se transformam em rival e sujeito, para usar os termos de Girard. No princípio, modelo e discípulo não reconhecem essa transição de papéis, ou seja, não reconhecem o surgimento da rivalidade recíproca. O modelo, mesmo encorajando a imitação do desejo, o que se pode considerar como um fato positivo, em termos de vaidade, se surpreende com a concorrência que surge com a convergência do desejo, e interpreta essa concorrência como uma traição do discípulo. O discípulo, por sua vez, interpreta na concorrência uma censura e uma humilhação, pois o modelo não o considera-

ria digno de possuir tal objeto de desejo. Essa relação de modelo e discípulo é característica das relações humanas. Mas é necessário compreendê-la bem: um discípulo escolhe um modelo por considerá-lo dotado de um *ser* do qual ele, o discípulo, se sente privado. Todavia essa sensação de privação é uma característica essencial humana que, mesmo aquele que serve de modelo numa determina relação partilha. O papel de modelo não é definitivo. Alguém que serve de modelo numa relação certamente terá seus próprios modelos em outras relações. Do mesmo modo, a relação entre modelo e discípulo não é fixa. Pode se transformar. O próprio discípulo pode servir de modelo ao seu próprio modelo. “Evidentemente, a posição de discípulo é a única essencial. É através dela que deve ser definida a situação humana fundamental” (GIRARD, 1990, p. 181).

Essa relação de modelo e discípulo não tarda a se transformar numa relação conflituosa, de rivalidade e sujeito, que tem início na própria contradição que a caracteriza. O imperativo à imitação acompanha sempre, inevitável e paradoxalmente, o imperativo à não imitação; pois mesmo que a imitação seja lisonjeira num primeiro momento, a concorrência conseqüente ameaça a posse do objeto de desejo. Assim, o modelo percebe que a não imitação não colocaria em risco a satisfação de seu desejo. A relação de concorrência é interpretada pelo discípulo como uma condenação por parte do modelo. Esta condenação parecerá injusta e absurda, mas será ao mesmo tempo confusa, pois o discípulo não deixará de considerar a autoridade do modelo, e, assim, se questionar se essa condenação não seria justificável. O não reconhecimento da rivalidade recíproca e as confusões que cercam os conflitos tendem a alimentar a violência.

Há aqui um processo que se alimenta de si mesmo e que se exacerba e simplifica incessantemente. Sempre que o discípulo acredita encontrar o ser diante dele, esforça-se por atingi-lo, desejando o que o outro lhe designa; e inexoravelmente ele encontra a violência do desejo adverso. Por um processo de abreviação ao mesmo tempo lógico e demente, ele se convence rapidamente que a própria violência é o signo mais seguro do ser que sempre se esquiva. A partir de então, violência e desejo permanecem ligados (GIRARD, 1990, p. 182-3).

O desejo mimético é o detonador das relações conflituosas, e ele tende mesmo a desaparecer conforme o desenvolvimento da violência. Melhor dizendo, o desejo não desaparece, mas o desejo do objeto que gera o conflito dá lugar ao desejo de violência. O objeto de desejo inicial desaparece e dá lugar à violência, ou seja, a violência torna-se o objeto de desejo. Mais ainda, conforme os conflitos atinjam o nível da crise, “a violência é ao mesmo tempo o instrumento, o objeto e o sujeito universal de todos os desejos” (GIRARD, 1990, p. 179).

Da mesma forma que insistimos na necessidade de diferenciar desejo de instinto, convém ressaltar que a violência não se explica em termos de instinto. Girard chama a atenção para o fato de que animais são individualmente dotados de mecanismos reguladores da violência que favorecem a perpetuação da espécie. Podemos observar que tais mecanismos impedem quase sempre que os combates, nestes casos, levem à morte. Somente em referência a tais mecanismos, é legítimo utilizar a palavra

instinto (GIRARD, 1990, p. 179). Tal não é o caso do que acontece com seres humanos.

A idéia de um instinto [...] não passa de uma posição mítica de recuo, um combate de retaguarda da ilusão ancestral que impulsiona os homens a colocar sua violência fora deles mesmos, transformando-a em um deus, um destino, ou um *instinto*, pelo qual eles não são mais responsáveis e que os governa de fora. Trata-se, mais uma vez, de não encarar a violência, de encontrar uma nova escapatória, de arranjar, em circunstâncias cada vez mais aleatórias, uma solução sacrificial alternativa (GIRARD, 1990, 179).

Associar violência a um instinto nos impediria de compreender a sua origem, bem como as suas implicações e seus desenvolvimentos. Gerada pelo desejo mimético, a rivalidade recíproca gera os conflitos que desencadeiam um ciclo de violência, um processo que se alimenta de si mesmo, como observou Girard. As rivalidades recíprocas e as relações conflituosas, ao mesmo tempo em que são alimentadas pela violência, a alimentam cada vez mais. A violência se mostra com uma voracidade insaciável e tende a ganhar proporções cada vez maiores à medida que vai contagiando cada vez mais e mais pessoas, fenômeno que Girard denomina de contágio mimético. Esse contágio mimético instaura o caos, a crise da violência.

A esta altura, convém ressaltar que, embora o desejo mimético seja uma característica essencialmente humana e as suas implicações sejam fenômenos universais, estamos tratando

aqui justamente do processo de humanização, que não ocorre dissociado do processo de socialização. Não há como ignorar que as conseqüências dos desejos e das rivalidades miméticas, do contágio mimético da violência, e da crise mimética que então se instauram têm efeitos devastadores. Surgem questionamentos inevitáveis, tais como: como foi possível a socialização se considerarmos a inevitabilidade desse caos? Como foi possível que os seres humanos criassem uma sociedade humana a partir de um processo essencialmente humano que conduziria à sua própria destruição? Teria sido necessário um mecanismo que impedisse os efeitos catastróficos e aniquiladores desse caos instaurado. O simples fato de existirmos hoje revela que de fato esse mecanismo foi criado, assim como revela também a sua eficácia.

3 A educação do desejo

A teoria de Girard é mais extensa e complexa do que o apresentado até então. Não temos espaço para uma abordagem completa de sua obra, até porque sua análise se concentra nas sociedades primitivas, nas quais a religião desempenhava o papel que queremos focar neste artigo: o da dimensão pedagógica. Para este autor, o papel pedagógico da religião era o de educar o desejo das pessoas para que não sucumbissem à voracidade da violência. E considerando o desejo como essencialmente mimético, algumas iniciativas, chama a atenção Girard, foram mais bem sucedidas, como a tradição judaico-cristã, que compreende o mecanismo do sacrifício expiatório como solução paliativa, e propõe, lucidamente, modelos a terem imitados desejos que os livrem das armadilhas do desejo mimético.

Caminhando em direção da discussão sobre a educação, o pensamento deste antropólogo ainda foi pouco estudado. Mas queremos propor algumas portas, já abertas, por onde esses estudos podem entrar e dar sua contribuição.

Citamos um texto de Maria Luiza Guedes, preparado para uma publicação do governo de São Paulo, no qual ela dialoga com Girard, entre outros, para analisar a violência na escola. Guedes, todavia, analisa os estudos sobre o mecanismo do bode expiatório, desconsiderando as análises nas quais Girard analisa “soluções” para o problema da violência. Segundo a autora, “a escola, assim como outras instituições ordenadoras, tem como função manter a ordem. Para isso, disciplina só se consegue por meio de ações violentas e excludentes, com a produção de vítimas expiatórias” (GUEDES, 2004, p. 76). A autora analisa somente uma obra de Girard, *A violência e o Sagrado*, na qual ele ainda não havia desenvolvido essas questões que citamos, e assim considera a disciplina escolar como uma violência necessária para o processo educativo, assim como era o mecanismo da vítima expiatória.

Mas é em Paulo Freire que encontramos a melhor possibilidade de contribuições de Girard para a educação, em nosso entendimento. Numa obra póstuma, é registrada uma entrevista de Freire que citamos abaixo:

Interesso-me pela criação de uma pedagogia do desejo. Como educadores progressistas, uma de nossas maiores tarefas parece dizer respeito a como gerar nas pessoas sonhos políticos, anseios políticos, desejos políticos. A mim, como educador, é impossível construir os anseios do outro ou da outra. Essa tarefa cabe a ele ou a ela, não a mim. De que modo podemos

encontrar alternativas de trabalho que propiciem em contexto favorável para que isso ocorra? [...] Superar um entendimento fatalista da história necessariamente significa descobrir o papel da consciência, da subjetividade na história (FREIRE, 2001, p. 37).

A educação do desejo resolveria um problema que Paulo Freire apontou como um dos principais obstáculos para os processos de libertação: o desejo do oprimido de se tornar igual ao opressor. Poderíamos considerar também que a proposta de educação do desejo, ao exigir a compreensão dos mecanismos do desejo mimético, possibilita a superação dos mecanismos sacrificiais, que nas sociedades modernas, ao invés do rito religioso bode expiatório, é uma das causas para os mecanismos de exclusão social.

Mais especificamente ao analisarmos as sociedades capitalistas de recorte neoliberal, percebemos que a exploração e a manipulação do desejo são algumas das principais marcas da cultura de consumo, acentuando os mecanismos de exclusão social e de violência, ao acirrar a competição e o individualismo.

Desta forma, a educação do desejo é evidenciada como projeto de libertação, mostrando que a consideração e o tratamento da temática, em que pese as contribuições Girard, são necessárias e urgentes.

Notas

- 1 Uma das críticas ao conceito de desejo mimético é a sua oposição à autonomia do sujeito, um dos objetos das pedagogias críticas. Girard, entretanto, não é contrário ao ideal de liberdade, mas reconhece os seus limites, considerando que livre é o sujeito que compreende o mecanismo de seu desejo.
- 2 ASSIS, Machado de. (1881). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. p. 131-2.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Klick, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Unesp, 2001.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: UNESP, Paz e terra, 1990.

_____. *Eu via Satanás cair do céu como um raio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. *Um longo argumento do princípio ao fim. Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Pierpaolo Antonello*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. *O Bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004

GUEDES, Maria Luiza. *A escola: território sagrado, democrático, e agora violento?* In: COSTA, Adriano, et al. (orgs.). *Desenvolvimento da educação. Diretoria de projetos especiais*. São Paulo: FDE, 2004.